

# **Educação e divulgação científica: Gênese da bacteriologia nas páginas da Gazeta médica da Bahia (século XIX)**

## **Education and scientific disclosure: Genesis of bacteriology in the pages of Gazeta Médica da Bahia (19th Century)**

***Anderson Gonçalves Malaquias<sup>1</sup>***

***Maria Renilda Nery Barreto<sup>2</sup>***

***Marco Antonio Barbosa Braga<sup>3</sup>***

1- CEFET-RJ / PPCTE/ [and\\_gm@ig.com.br](mailto:and_gm@ig.com.br)

2- CEFET-RJ / PPCTE/ [renildabarreto@hotmail.com](mailto:renildabarreto@hotmail.com)

3- CEFET-RJ / PPCTE/ [braga@tekne.pro.br](mailto:braga@tekne.pro.br)

### **Resumo**

A história do ensino médico no Brasil tem sua gênese no ano de 1808 com a criação das escolas de Cirurgia da Bahia e do Rio de Janeiro, que posteriormente tornaram-se Faculdades de Medicina. Ao findar do século XIX, o saber médico foi impactado pela revolução pasteuriana e a escola baiana concorreu na produção científica nacional, por intermédio principalmente da Escola Tropicalista, uma associação de facultativos que fundara em 1866, um periódico intitulado Gazeta Médica da Bahia. Autores como Benchimol (2000) e Teixeira (2003), têm resgatado as transformações promovidas pela bacteriologia nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Porém, existe hoje uma lacuna historiográfica referente à inserção da bacteriologia na Bahia. O presente artigo, como produto preliminar de uma proposta de dissertação de mestrado, pretende analisar os primórdios da bacteriologia na Bahia, mediante análise das publicações da Gazeta Médica da Bahia entre os anos de 1866 a 1890.

**Palavras-Chaves:** História da educação médica, revolução pasteuriana, Gazeta Médica da Bahia, imprensa médica, bacteriologia.

### **Abstract**

The history of medical education in Brazil has its genesis in the year 1808 with the creation of schools of Surgery in Bahia and Rio de Janeiro, which later became Colleges of Medicine. At the end of the nineteenth century medical knowledge was impacted by the pasteurian revolution and the baiana school contributed in national scientific production, mainly through Tropicalista School, an association of doctors who founded in 1866 a periodical entitled

Gazeta Médica da Bahia. Authors like Benchimol (2000) and Teixeira (2003) have rescued the transformations promoted by bacteriology in the cities of Rio de Janeiro and Sao Paulo. However, there is yet a historiographical gap regarding the inclusion of bacteriology in Bahia. This article, as preliminary product of a master's degree dissertation proposal, intends to analyze the beginnings of bacteriology in Bahia, through analysis of publications by the Gazeta Médica da Bahia between the years 1866 to 1890.

**Keywords:** Medical education history, pasteurian revolution, Gazeta Médica da Bahia, medical press, bacteriology.

## INTRODUÇÃO

A historiografia tradicional das ciências, ao retratar o processo de construção do conhecimento científico, além de promover a valorização dos personagens e atores que triunfaram e obtiveram êxito em suas descobertas e proposições, costumeiramente, coloca a Europa como pólo central do desenvolvimento da ciência, revelando que países ditos periféricos não apresentaram produções científicas consideráveis e caracterizaram-se como meros consumidores acríticos dos produtos e doutrinas científicas oriundas do velho mundo.

No entanto, a historiografia vem sofrendo transformações, principalmente nas três décadas derradeiras (SALDAÑA, 2000). Nos dois últimos decênios do século XX cresceram os estudos sobre o processo de institucionalização das ciências em épocas chamadas de pré-científicas (DANTES, 2005; JACOBINA, 2008; SALDAÑA, 2000; DOMINGUES, 1995; FONSECA, 1997), e em tempos atuais, fatos referentes às peculiaridades locais e a contextualização sociocultural do objeto estudado, tem sido levado em consideração no momento da perscruta por parte dos historiadores. Sobre isto Dantes (2005), discorre:

Nas últimas décadas, um número crescente de historiadores passou a trabalhar com a definição de ciência como atividade de produção de conhecimentos socialmente instituída. A partir desta conceituação, cresceu de forma significativa, a nível mundial, a produção em História social da ciência. Também ganharam reconhecimento, e vêm crescendo de forma acelerada, os estudos sobre os mais variados países de todos os continentes (DANTES, 2005).

Dantes (2005) ressalta ainda, que na atualidade, vários pesquisadores têm se voltado para o contexto histórico nacional, buscando desvendar e entender os atores e a dinâmica da construção, produção e institucionalização científica no Brasil.

Na história das ciências no Brasil, a medicina ocupa um lugar importante. Na segunda metade do século XIX, a medicina brasileira concentrava-se nas duas faculdades existentes, uma na Bahia e outra no Rio de Janeiro. A trajetória da institucionalização da ciência médica no Brasil, os currículos dos cursos de medicina e as reformas realizadas ao longo dos séculos XIX e início do XX, as constantes transformações do saber médico, dentre outros, vem sendo recentemente resgatada e discutida em trabalhos de autores como Benchimol (1995; 2000), Teixeira (2003) e Ferreira *et all* (2002). No escopo desse artigo nos interessa centrar a atenção para as pesquisas que tratam do desenvolvimento das teorias microbianas no país e suas relações com a prática e o saber médico, focando os autores, nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo respectivamente (BENCHIMOL, 1995; 2000 e TEIXEIRA, 2003).

A Bahia concorreu com o desenvolvimento da produção científica nacional durante a segunda metade do século XIX, mediante os feitos e contributos principalmente da Escola Tropicalista Baiana. As influências promovidas pela bacteriologia no desenvolvimento do

saber médico baiano são exíguas na literatura, revelando uma lacuna na historiografia das ciências no Brasil.

Embasado nos fundamentos da historiografia moderna, o presente trabalho, como produto de um projeto de dissertação de mestrado, tem como objetivo analisar, numa perspectiva historiográfica da educação, a trajetória e repercussão da revolução pasteuriana na Bahia e seus reflexos junto à classe médica baiana, a partir da análise em fontes primárias, das publicações de um importante periódico da imprensa médica nacional intitulado *Gazeta Médica da Bahia* (GMB). As publicações históricas desta revista estão disponíveis em mídia digital mediante trabalho desenvolvido por Bastianelli (2002), e também no portal da GMB via endereço eletrônico: [www.gmbahia.ufba.br](http://www.gmbahia.ufba.br)

## **O ENSINO MÉDICO NO BRASIL**

O ensino médico no Brasil tem raízes portuguesas, visto que inicialmente, antes da criação das escolas médicas brasileiras, a grande maioria dos postulantes à carreira médica era oriunda da Universidade de Coimbra. No ano de 1808, com a chegada da Corte portuguesa ao Brasil, foi iniciado oficialmente ensino da medicina no país, a partir da criação de duas escolas cirúrgicas, uma na Bahia e a outra, derradeira, no Rio de Janeiro, (BARRETO, 2007, p. 79-103). Até essa época, somente os físicos e cirurgiões portadores de um diploma conferido por uma universidade européia, ou os práticos - cirurgiões, sangradores, parteiras, algebristas - licenciados pelo cirurgião-mor do Reino, poderiam realizar o exercício da medicina. Estes últimos tinham autorização apenas para realizar sangrias, curar feridas e fraturas, fazer partos e aplicar ventosas não podendo prescrever e administrar remédios internos, atividades estas, reservadas somente aos médicos formados em Coimbra. Deste modo, a criação das escolas de medicina de Salvador e do Rio de Janeiro, além de permitir que ocorresse a formação de uma classe nacional de médicos, transferindo para mão destes o exercício da medicina, possibilitou também o fim dos impedimentos e restrições promovidas pela Coroa portuguesa no tocante as atividades médicas (BARRETO, 2005; FERREIRA *et al*, 2001).

A fundação da Escola de Cirurgia da Bahia, em 18 de fevereiro de 1808, por ordem de D. João, príncipe regente de Portugal e Algarves, constitui-se num marco da história da educação pública brasileira, uma vez que ela foi a primeira instituição de ensino superior no Brasil. Em 1815, a recém criada escola médica sofreu a primeira transformação passando a Academia Médico-Cirúrgica. Em 1832, finalmente, recebeu a denominação de Faculdade de Medicina da Bahia, hoje integrada a Universidade Federal da Bahia (BARRETO, 2007, p. 79-103; ROCHA *et al*, 2004). Estas transformações estavam, na verdade, ligadas às reformas no ensino médico nacional que foram motivadas pelas revoluções nas bases teóricas e institucionais da produção do saber médico do velho mundo (FERREIRA *et al*, 2001).

Barreto (2007) aponta que durante a primeira metade do século XIX, ao se verificar as atividades e ações desenvolvidas, juntamente com as publicações realizadas em periódicos médicos, o Brasil tinha ciência e estava a par das principais doutrinas médicas oriundas da Europa. Tais doutrinas e postulados não foram simplesmente reproduzidos no país, mas aclimatados e redimensionados a partir das especificidades socioculturais, ou seja, ocorreu uma adaptação às condições nacionais dos modelos fornecidos pelos saberes médicos europeus (FERREIRA *et al*, 2001).

## **A REVOLUÇÃO BACTERIOLÓGICA NA IMPRENSA MÉDICA**

Louis Pasteur (1822-1895), químico e biólogo francês, proporcionou com suas

descobertas, uma verdadeira revolução nas práticas médicas possibilitando a criação de medidas profiláticas e de intervenção às doenças, o que permitiu, mais do que em qualquer outra época, que o estado saudável de um indivíduo fosse preservado. A partir das conclusões obtidas com os estudos sobre a fermentação, a descoberta das vacinas contra o cólera das galinhas e o carbúnculo, Pasteur inaugura um novo paradigma científico ao relacionar os microorganismos vivos às transformações químico-biológicas em determinados materiais, assim como posteriormente, à gênese de algumas doenças que assolavam a humanidade. Suas constatações acerca dos seres microscópicos promoveram profundas transformações nas estruturas sociais, assim como nos sistemas de pensamentos que ao longo dos séculos se firmou o conhecimento do homem sobre a natureza de si mesmo, proporcionando uma ruptura com o terrível círculo das endemias e epidemias (BENCHIMOL, 1990).

Mediante a difusão da doutrina dos germes, principalmente após a descoberta das vacinas por Pasteur, foi deflagrada uma corrida por parte de vários pesquisadores que intentavam eternizar seus nomes na história da ciência com a realização de pesquisas que vislumbravam descobrir os agentes causadores das doenças como varíola, cólera, entre outras. Nas Américas, tal sentimento não foi diferente e sobre isto Benchimol comenta:

A consciência de que se vive uma revolução logo alcança o Novo Mundo onde “rapidamente os estudos relacionados à febre amarela passam a gravitar em torno do parasitismo”. A ênfase nas vacinas serve para destacar, a um só tempo, a motivação dos médicos sul-americanos – “cada um sonhava em impor-se como o Pasteur dos trópicos” – e a vulnerabilidade de seus trabalhos: “A esperança de obter vírus atenuados explica a rapidez com que darão corpo ao germe amarílico” (BENCHIMOL, 1995).

No decorrer da década de 1870, a bacteriologia se consolida como uma nova disciplina científica no cenário mundial, promovendo a definição de normas e a sistematização de procedimentos médicos no tocante à pesquisa microbiológica (RIBEIRO, 1997). Por conta disso um elevado salto de qualidade ocorre nas atividades de controle das principais doenças epidêmicas e endêmicas, como cólera, varíola e febre amarela (SILVA, 2003).

No Brasil, a segunda metade do século XIX, foi marcada pelo aparecimento de sociedades e periódicos médicos, que proporcionaram um *locus* privilegiado para discussões acerca de temas específicos, como práticas clínicas, cirurgias, experiências e novidades científicas como a teoria dos germes (MORAES, 2004). Neste contexto, surge a Gazeta Médica da Bahia, um periódico que proporcionou uma organização da classe médica baiana e permitiu a divulgação de conhecimentos científicos e a reflexão de questões médicas próprias do contexto sócio-histórico nacional (MORAES, 2004; JACOBINA, 2006).

A GMB, como um movimento de vanguarda nacional, foi fundada em 1866 por uma associação de facultativos que posteriormente ficou consagrada como “Escola Tropicalista Baiana”. Esta denominação foi dada por Coni em 1952, em referência ao grupo de médicos que se reuniu para fundar a revista. Os tropicalistas faziam parte de uma rede informal de profissionais da medicina que exibiam um interesse crescente no estudo dos parasitos como agentes etiológicos de doenças (BENCHIMOL, 2000). Estavam também preocupados, principalmente, em refutar o preconceito historiográfico de que a medicina praticada no Brasil era uma mimese da européia. Estes permaneceram na fronteira entre o paradigma miasmático/ambientalista e a nova doutrina bacteriológica e produziram investigações originais sobre as moléstias endêmicas à Bahia. Também se apresentavam de forma independente diante da classe médica local e da medicina acadêmica européia (BENCHIMOL, 2000).

Voltando-se para as publicações históricas da GMB, com foco especificamente no recorte cronológico entre 1866 a 1890, observa-se que seus articulistas produziam ciência e conheciam e comentavam as principais doutrinas médicas internacionais. Muitos dos estudos e pesquisas publicadas pelos médicos colonistas dialogavam com os ritos médico-científicos estrangeiros, revelando a existência de um intercâmbio de estudos e informações (que ocorriam mediante leitura e tradução de bibliografias e periódicos europeus, assim como na participação em eventos, encontros e congressos científicos), com as idéias e postulados emergentes no velho mundo. Neste período, o meio científico se volta para os apontamentos e proposições do recente campo bacteriológico, elaborados principalmente por Pasteur, e a GMB, como veículo oficial da imprensa médica brasileira, dedicou várias páginas para divulgação e discussão do tema, fomentando o conhecimento e o debate no seio da classe médica baiana e nacional sobre as novidades científicas no tocante a pesquisa parasitária e microbiológica, que culminaria numa revolução nas bases das práticas médicas em todo o mundo.

Algumas das importantes publicações da imprensa médica estrangeira, que revelavam as ações e os achados dos “caçadores” de micróbios, foram reproduzidas, em língua portuguesa, na GMB. Este dado é evidenciado, por exemplo, na seção publicada nas edições de fevereiro e março de 1878, intitulada “*Medicina*”, onde a revista apresentou um artigo sobre “*A doutrina do contagium vivum e suas aplicações a medicina*” da autoria de William Roberts e apresentado em uma seção da Associação Médica Britânica. As edições de junho, agosto e outubro deste mesmo ano, foram enriquecidas pela divulgação, na seção “*Pathogenia*”, da tradução de um artigo publicado na Gazeta Médica de Paris, referente à comunicação que Pasteur, Joubert e Chamberland fizeram na Academia de Medicina de Paris sobre a “*Theoria dos germens e suas aplicações á medicina e á cirurgia*”. Em agosto de 1882, na seção “*Physiologia Pathologica*”, a GMB extraiu também da Gazeta parisiense, uma nota publicada em maio do referido ano e que discorria sobre as observações de um pesquisador chamado Richard acerca do micróbio da malária e suas constatações sobre o possível agente causador da doença. Três meses depois, na seção “*Pathologia Interna*”, a GMB expôs as técnicas e procedimentos empregados por Klebs e outros pesquisadores na corrida pela descoberta do agente causador da sífilis divulgados na Coimbra Médica.

Na província da Bahia, personagens da ciência médica nacional externaram mediante publicação na GMB, suas considerações sobre as transformações e possibilidades que os achados e descobertas do mundo microscópico poderiam promover à humanidade e à medicina em geral. Na edição veiculada em setembro de 1871, o médico Dr. Demétrio Ciríaco Tourinho (1826-1888)<sup>1</sup>, publicou o artigo intitulado “*Os cryptogamas agentes das moléstias infecciosas. Investigações sobre a causa das febres palustres*”, onde discorreu sobre os avanços das pesquisas concernentes à etiologia das doenças infecciosas e os resultados práticos de tais descobertas para as ciências médicas. Outro médico baiano que pelas páginas da GMB divulgou os feitos da doutrina pasteuriana, foi Antônio Pacífico Pereira (1846-1922)<sup>2</sup>. Em março de 1872, Pacífico Pereira transcreveu na seção “*Medicina*” uma descoberta promissora para o diagnóstico da sífilis: “*Diagnóstico da syphilis pelo exame microscopico do sangue*”, de autoria do Dr. Losterfer, apresentado na “*Imperial Sociedade dos Médicos de Vienna*” em janeiro do ano supracitado.

---

<sup>1</sup> Natural de Salvador (Bahia), Tourinho conseguiu o grau de doutor em medicina em 1847 pela Faculdade do Rio de Janeiro. Após concurso, tornou-se lente catedrático de patologia interna da Faculdade de Medicina da Bahia entre os anos de 1871 a 1888 (OLIVEIRA, 1992 pág. 189).

<sup>2</sup> Pacífico Pereira nasceu na Bahia, onde em 1867 colou grau de doutor em medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia, onde foi lente catedrático de anatomia geral e patológica (1882) e posteriormente, lente de histologia. Foi também diretor desta faculdade no período compreendido entre 1895 a 1898 (OLIVEIRA, 1992 págs. 413-417).

Ainda na segunda metade do século XIX destacou-se outro colaborador, Dr. Joaquim dos Remédios Monteiro (1827-1901), médico “que prestou valorosos serviços à Gazeta Médica da Bahia, sendo seu redator a partir de 1876. Publicou vários artigos: Transfusão do sangue, Vacina, Apontamentos para a história natural do cordão do frade, Ensino médico, Caso de solução curado pelo jaborandi, A Feira de Santana como sanatório de tuberculose pulmonar, dentre outros” (QUEIROZ, 1997). Veiculou também por este periódico, suas análises e reflexões acerca das descobertas e realizações promovidas por Pasteur no meio científico e suas implicações para a medicina e indústria. Na seção “*Bio-bibliografia*”, sob o título “*Pasteur e as suas doutrinas*”, publicada nas edições dos meses de setembro, novembro e dezembro de 1882 e também de fevereiro a maio de 1883, Remédios Monteiro compartilhou com os leitores da GMB, suas ponderações a respeito dos avanços conquistados pela ciência, a partir da nova doutrina parasitária, discorrendo sobre a repercussão da revolução pasteuriana no meio científico e os estudos que inspirados nela, emanavam de todos os cantos do planeta. Revelou-se ávido defensor dos novos conhecimentos e sem constrangimento teceu elogios explícitos a genialidade do cientista francês promotor de tais descobertas revolucionárias:

Antes dos estudos modernos concernentes à teoria parasitária ou dos germes, reinava a maior obscuridade, para não dizer ignorância, a respeito de certas moléstias; faltava o guia que havia de dirigir o médico no conhecimento e tratamento delas, que lhe ensinasse os agentes terapêuticos que podem prestar relevantes serviços à humanidade sofredora.

Pasteur foi o Messias, que devia conduzir a patogenia e a terapêutica dessas determinadas moléstias à terra da promessa (Remédios Monteiro, *Pasteur e suas doutrinas*, GMB, novembro de 1882, pág. 209).

Remédios Monteiro também enumerou uma série de médicos pesquisadores que na Bahia, concorreram com seus escritos e observações clínicas para o engrandecimento da pathologia parasitaria intertropical e se mostravam abertos às proposições da nova doutrina, como Otto Wucherer, criador da escola helmintológica brasileira, José Francisco da Silva Lima, A. J. P. da Silva Araújo, Antonio Rodrigues Lima, Gonsalves Theodoro, Pedro Severino de Magalhães, Agnello Leite, Patterson, J. L. Almeida Couto, Manoel Victorino Pereira e Antônio Pacífico Pereira (Remédios Monteiro, *Pasteur e suas doutrinas*, GMB, fevereiro de 1883, pág. 345), sendo que os três últimos citados tiveram vínculo oficial com a Faculdade de Medicina da Bahia (OLIVEIRA, 1992 págs.: 205, 223, 413).

Constata-se, mediante análise de seus apontamentos, um considerável e pertinente embasamento bibliográfico, revelando o contato que a classe médica baiana mantinha com as principais fontes européias, divulgadoras da doutrina dos germes.

Contudo, a idéia de que os parasitas ou germes seriam os provocadores dos estados mórbidos encontrou resistência no Brasil e levou certo tempo para ser devidamente alocada, como afirma Benchimol (1995):

A entronização do pasteurianismo no Brasil não foi uma assimilação passiva e unívoca de idéias oriundas de países economicamente hegemônicos. Entre o momento em que a medicina pasteuriana foi recebida como dogma ameaçador até quando foi abraçada por todo campo médico como seu núcleo de certezas decorreu um processo protagonizado, em larga medida, por médicos que se lançaram à caça dos micróbios patogênicos e assumiram todos os riscos envolvidos na postulação de teorias por muito tempo debatidas dentro e fora do país

(BENCHIMOL, 1995).

Remédios Monteiro lamentou a pouca importância dada ao assunto (teoria dos germes), por alguns médicos brasileiros (Remédios Monteiro, *Pasteur e suas doutrinas*, GMB, maio de 1883, pág. 496). Ainda na edição de setembro de 1883, na seção “*Medicina*”, a Gazeta Médica reproduz um artigo intitulado “*Perigo das Theorias Parasitarias*” de Jousset de Bellesme, extraído da publicação de março do mesmo ano do *Progress Medical*, onde o autor discorre sobre as desconfianças que permearam as novas doutrinas e o possível risco da sua utilização na medicina. De certa forma, este artigo refletia a desconfiança e a resistência que a classe médica manifestava acerca das teorias dos germes, revelando os entraves que a medicina pasteuriana enfrentou para encontrar seu espaço no Brasil e no mundo, conforme assinalou Jaime Benchimol em seus diversos trabalhos sobre a bacteriologia no Brasil.

## DIREITOS AUTORAIS

Aberta a temporada de “caça aos micróbios”, pesquisadores de várias partes do planeta, inspirados em Pasteur, se lançaram na laboriosa busca dos agentes etiológicos das epidemias assoladoras da humanidade. No Brasil não foi diferente e a corrida para se tornar um herói nacional, hora ou outra esbarrava em entraves como controvérsias levantadas por reivindicações de direitos autorais. Alguns destes capítulos da história das ciências médicas no Brasil, estão registrados nas páginas da GMB, onde João Batista de Lacerda (1846-1915)<sup>3</sup> e Antônio Pacífico Pereira, reclamaram para si a descoberta do micróbio do beribéri.

Beribéri era uma doença comum na Ásia, de onde veio sua denominação (“berí” significava “fraco” em cingalês, idioma do Sri-Lanka), que provocava perda de peso, fraqueza, e em estágio avançado, alterações cardíacas (CARRETA, 2006 pág. 84). Em outubro de 1883, Pacífico pereira publicou na coluna “*Medicina*” da GMB, o artigo “*Investigações sobre o beribéri*”, onde contestava, “sem apreciação científica”, a primazia das descobertas de Lacerda que, no mesmo ano, tornara públicas suas pesquisas<sup>4</sup>, que culminaram na descoberta do agente etiológico do beribéri, através do cultivo de sangue de pacientes acometidos pela doença. No artigo, Pacífico Pereira revelou que a observação de germes no sangue de beribéricos feitas por Lacerda não era nova na ciência e citou que, em outubro e novembro de 1881, na própria GMB, havia publicado artigos, onde descreveu e discorreu sobre suas pesquisas que constataram a presença de micróbios no sangue dos portadores da doença:

Não é novo na ciência o descobrimento de um micróbio no sangue nos beribéricos, nem são novas as experiências feitas com a cultura de sangue dos indivíduos afetados desta moléstia.

Em diversos artigos que nesta Gazeta publicamos, em 1881 sobre a etiologia e natureza do beribéri e que a União Medica do Rio de Janeiro nos fez a honra de transcrever, tratamos da hematologia do beribéri, e descrevemos o micro-organismo que por muitas vezes vimos e estudamos no sangue dos indivíduos afetados desta moléstia

---

<sup>3</sup> Lacerda formou-se em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro e desenvolvia pesquisas voltadas para fisiologia e microbiologia. Ocupou cargos importantes no cenário nacional como a chefia do Laboratório Experimental e a subdiretoria das seções de zoologia, antropologia e paleontologia do Museu Nacional e foi também ministro da agricultura (SCHWARCZ, 2011).

<sup>4</sup> Estas pesquisas foram desenvolvidas por Lacerda no laboratório de fisiologia experimental do Museu Nacional. Suas conclusões foram publicadas na brochura *Etiologia e Gênese do Beribéri*. Sua descoberta e o resumo do livro foram também divulgados na *União Medica*, n. 12, 1883, pp. 563-568. (CARRETA, 2006; pág. 84)

(Pacífico Pereira, *Investigações sobre o beribéri*, GMB, outubro de 1883, pág. 161 e 162).

Em janeiro de 1884, a GMB transcreveu um artigo publicado pela *União Médica*<sup>5</sup>, onde Lacerda relatou suas investigações sobre o beribéri, feitas no laboratório de fisiologia do museu nacional, que revelava os métodos, técnicas e observações empregadas pelo médico carioca nos procedimentos que resultaram na descoberta de microorganismos no sangue dos beribéricos. Em consonância com os procedimentos experimentais estabelecidos por Pasteur e Robert Koch, Lacerda relacionou então os germes observados à causa da doença. Em abril 1884, Pacífico Pereira publicou novo artigo na GMB com apontamentos e considerações sobre o tema, em resposta a outra publicação de Lacerda, veiculada no terceiro número da *União Médica* deste mesmo ano (CARRETA, 2006 págs. 85 e 86), que retrucava o médico baiano com afirmações de que os métodos (mais sofisticados) empregados em seus experimentos foram diferentes dos utilizados por Pacífico Pereira, e por conta destes detalhes, é que suas pesquisas eram peculiares e inéditas na ciência. Posteriormente, Lacerda se envolveria em outra polêmica juntamente com Domingos José Freire, desta vez na disputa pela verdadeira identificação do agente etiológico da febre amarela<sup>6</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Gazeta Médica da Bahia (GMB), como veículo oficial da imprensa médica nacional, foi utilizada para o debate, divulgação e discussão da recém difundida doutrina bacteriológica, no final do século XIX. Neste período suas páginas estamparam as descobertas e controvérsias levantadas pela disseminação das teorias dos germes dentro e fora do país. Suas edições proporcionaram a construção de um outro saber, construído a partir das proposições das doutrinas pasteurianas, o que possibilitou uma alteração substancial da compreensão das doenças e suas terapêuticas e do ensino médico e, até mesmo da vida cotidiana. Sobre isso Benchimol (1990) comenta:

“(...) No âmbito mais geral da sociedade, a medicina pasteuriana decantou-se numa multiplicidade de práticas que, com o passar do tempo, acabaram por se incorporar ao cotidiano e ao senso comum das populações, ao menos das que habitam os centros urbanos, onde ainda é mais intensa a medicalização das relações sociais (...)”.

Deste modo, é notório que no final da segunda metade dos oitocentos as mudanças nos rumos das práticas médicas, promovidas fortemente pelas novas teorias emergentes da Europa, ecoaram na província baiana e encontrou na classe médica local um recanto peculiar para discussão e reflexão do tema, haja vista a formação da Escola Tropicalista Baiana. Uma futura discussão e análise sobre a repercussão da revolução pasteuriana nos meios institucionais como a Faculdade de Medicina da Bahia, bem como sua possível influência nas reformas curriculares do ensino médico brasileiro é pertinente e as publicações históricas da Gazeta Médica da Bahia são um contributo importante para a investigação em curso.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fonte Primária:

BASTIANELLI, Luciana (Comp.). **Gazeta Medica da Bahia, 1866-1934/1966-1976, por**

---

<sup>5</sup> Periódico fundado no Rio de Janeiro, a revista *União Médica* teve sua publicação inicial em 15 de janeiro de 1881 perdurando até o ano de 1890 (BENCHIMOL, 1999, pág. 472).

<sup>6</sup> Para mais detalhes sobre esta controvérsia ver BENCHIMOL, 1995.

**uma Associação de Facultativos, compilação e pesquisa.** Salvador: Contexto. 2002.

Publicações da Gazeta médica da Bahia disponíveis no link: [www.gmbahia.ufba.br](http://www.gmbahia.ufba.br)

### **Fontes Secundárias:**

BARRETO, Maria Renilda Nery. **“A Bahia e a instituição da medicina acadêmica no século XIX”**. In: PRIEGO, Natalia. Paradigmas, Culturas y Saberes. La Transmision del Conocimiento Cientifico a Latinoamerica. Madrid: Iberoamericana, 2007, p. 79-103.

BARRETO, Maria Renilda Nery. **A medicina luso-brasileira: instituições, médicos e populações enfermas em Salvador e Lisboa (1808–1851)**. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em História das Ciências e da Saúde/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, Rio de Janeiro. 2005.

BASTIANELLI, Luciana (Comp.). **Gazeta Medica da Bahia, 1866-1934/1966-1976, por uma Associação de Facultativos, compilação e pesquisa.** Salvador: Contexto. 2002.

BENCHIMOL, Jaime Larry (Coord.). **Manguinhos do sonho à vida: a ciência na Belle Époque.** Rio de Janeiro: FIOCRUZ-Casa de Oswaldo Cruz (COC), 1990.

BENCHIMOL, Jaime Larry. **Domingos José Freire e os primórdios da bacteriologia no Brasil.** Hist. cienc. saúde-Manguinhos, Jun 1995, vol.2, no.1, p.67-98.

BENCHIMOL, Jaime Larry. **Dos micróbios aos mosquitos. Febre amarela e revolução pasteuriana no Brasil.** Editora da Universidade Federal Fluminense-Editora da Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1999.

BENCHIMOL, Jaime Larry. **A Instituição da Microbiologia e a História da Saúde Pública no Brasil.** Ciência e Saúde Coletiva, abril-junho, vol.5, nº2. Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. Rio de Janeiro. 2000, pp. 265-292.

BRAGA, Marco, *et all.* **Breve história da ciência moderna, volume 4: A belle-époque da ciência** - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CARRETA, Jorge Augusto. **“O micróbio é o inimigo”:** debates sobre a microbiologia no Brasil (1885-1904) / Jorge Augusto Carreta. - Campinas, SP: [s.n.], 2006. Tese Doutorado - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências.

CONI, Antonio Caldas. **Escola Tropicalista Bahiana.** Salvador: Livraria Progresso. 1952.

DANTES, Maria Amélia Mascarenhas. **“As ciências na história brasileira”.** *Ciência e Cultura*, Vol. 57, 1, 2005, 26-29.

DOMINGUES, Ângela. **Ciência: um caso de política (as relações entre as Ciências naturais e a Agricultura no Brasil-Império).** São Paulo: USP, 1995, Tese de Doutorado.

EDLER, Flavio Coelho. **A Escola Tropicalista Baiana: um mito de origem da medicina Tropical no Brasil.** História, Ciências, Saúde - Manguinhos, Rio de Janeiro, vol. 9(2): 357-85 maio - ago. 2002.

EDLER, Flavio Coelho. **A medicina no Brasil imperial: fundamentos da autoridade profissional e da legitimidade científica.** Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro. Tomo LX, 1, 2003.

FERREIRA, Luís Otávio, *et all.* **“A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no século XIX: a organização institucional e os modelos de ensino”.** In: DANTES, Maria Amélia M. Espaços da Ciência no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2001, p. 59-80.

FONSECA, Maria Raquel Froés. **A única ciência é a pátria: o discurso científico na**

**construção do Brasil e do México (1770-1815).** São Paulo: USP, 1997, Tese de Doutorado.

GEISON, Gerald. **A ciência particular de Louis Pasteur.** Rio de Janeiro: Fiocruz; Contraponto, 2002.

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro; GELMAN, Ester Aida. **Juliano Moreira e a Gazeta Médica da Bahia.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, n.4, out. - dez. 2006, p.1077-1097.

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro, *et all.* **A Escola Tropicalista e a Faculdade de Medicina da Bahia.** Gazeta Médica da Bahia. 2008; 78 (2): 86-93.

LOPES, Myriam Bahia; POLITO, Ronald. **Para uma história da vacina no Brasil: um manuscrito inédito de Norberto e Macedo.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.14, n.2, p.595-605, abr. - jun. 2007.

MASCARINI, Luciene Maura. **Uma abordagem histórica da trajetória da parasitologia.** Ciência & Saúde Coletiva, 8(3): 809-814, 2003.

MORAES, Dislane Zerbinatti. **A modernidade pedagógica no discurso médico do século XIX.** III Congresso brasileiro da História da Educação. 2004. (Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe3/Documentos/Individ/Eixo3/083.pdf>).

OLIVEIRA, Eduardo de Sá. **Memória histórica da Faculdade de Medicina da Bahia, concernente ao ano de 1942.** Salvador, Centro Editorial e Didático da UFBA, 1992.

QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de. **Proposta de Edição de um Documento Pessoal: As Memórias do Dr. Remédios Monteiro.** Anais do I Congresso Nacional de Linguística e Filologia, 1997. Disponível em: [www.filologia.org.br/anais/anais\\_125.html](http://www.filologia.org.br/anais/anais_125.html)

RIBEIRO, Maria Alice Rosa. **Lições para a História das Ciências no Brasil: Instituto Pasteur de São Paulo.** História, Ciências, Saúde - Manguinhos, III (3):467-484, Nov. 1996-Fev. 1997.

SALDAÑA, Juan José. **“Ciência e identidade cultural: a história da ciência na América Latina”.** IN: FIGUEIRÔA, Silvia (org). Um olhar sobre o passado: história das ciências na América Latina. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000, p. 11-31.

SILVA, Luiz Jacinto da. **O controle das endemias no Brasil e sua história.** Cienc. Cult. [online]. 2003, v. 55, n. 1, pp. 44-47.

SCHWARCZ. Lilia Moritz. **Previsões são sempre traiçoeiras: João Baptista de Lacerda e seu Brasil branco.** História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.18, n.1, jan.-mar. 2011, p.225-242.

TEIXEIRA, Luiz Antonio; ALMEIDA, Marta de: **Os primórdios da vacina antivariólica em São Paulo: uma história pouco conhecida.** História, Ciências, Saúde Manguinhos, vol. 10 (suplemento): 475-98, 2003.

VARELA, Alex; VELOSO, Verônica P. **Escola Tropicalista Baiana.** In: Dicionário histórico biográfico das ciências da saúde no Brasil (1832-1930). Disponível em: [www.coc.fiocruz.br/observatoriohistoria/verbetes/esctroba.pdf](http://www.coc.fiocruz.br/observatoriohistoria/verbetes/esctroba.pdf).